

PIB deixa o Brasil na 26ª posição entre 33 países

País se distancia de outras economias sul-americanas, como Colômbia, Chile e Peru em ranking internacional

JOÃO SORIMANETO
joao.sorimaneto@oglobo.com.br
s16a1602

Com a retração de 0,1% da economia no terceiro trimestre deste ano, o Brasil ocupa a 26ª posição num ranking elaborado pela agência de classificação de risco Austin Rating, que contemplou 33 países que já apresentaram os resultados do período.

O levantamento considera as variações em relação aos três meses anteriores, já descontando oscilações sazonais. O Brasil entrou em recessão técnica com o resultado do PIB, ficando atrás de outras economias latino-americanas como Chile e Colômbia.

No primeiro trimestre deste ano, o Brasil cresceu 1,2% e ficou na 19ª posição do ranking. Já no segundo trimestre de 2021, o IBGE revisou os números e apontou que o país te-

ve retração de 0,4% em vez dos 0,1% divulgados inicialmente.

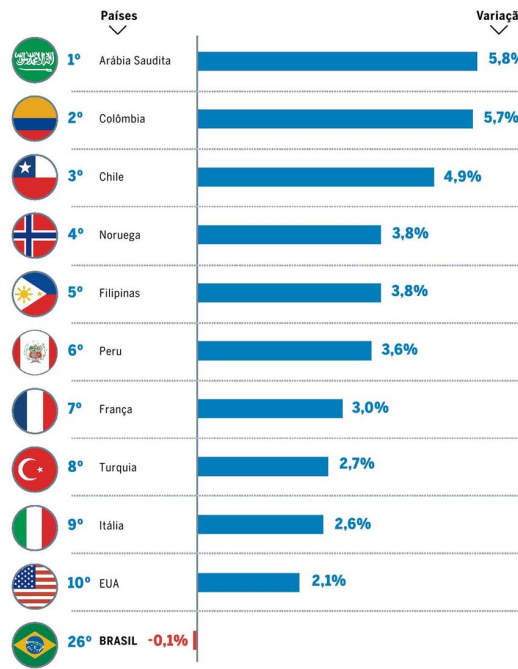
Segundo Alex Agostini, economista-chefe da Austin Rating, o Brasil sempre tem aparecido nas posições intermediárias ou na rabeira dos últimos levantamentos. Ele lembra que a média anual de crescimento do país entre 2011 e 2020 ficou em apenas 0,7%.

— O Brasil sempre está na parte inferior ou no meio do ranking. Com mais esta recessão, revisamos nossa projeção de crescimento para este ano de 4,9% para 4,7% e, em 2022, de 0,9% para 0,6%. Mas o cenário econômico preocupa e mostra perda de fôlego — diz.

Ele lembra que em 2022 o Brasil ainda terá a inflação corroendo o poder de compra dos consumidores, os juros básicos devem chegar à casa de 12%, o quadro fiscal permanecerá ruim e o investimento,

COMPARAÇÃO COM OUTRAS NAÇÕES

O ranking da agência de classificação de risco Austin Rating compara o desempenho da economia brasileira com os de 33 países no 3º trimestre de 2021 em relação ao 2º trimestre, já descontando variações sazonais



Fonte: Austin Rating

Editoria de Arte

baixo. Tudo isso terá reflexos negativos no PIB num ano em que as eleições devem tumultuar ainda mais o cenário.

ARÁBIA SAUDITA NA FRENTE

A primeira posição no ranking é ocupada pela Arábia Saudita, que teve um crescimento de 5,8% em sua economia no terceiro trimestre em comparação com o segundo. A alta do preço do petróleo, do qual o país é grande produtor, turbinou a economia do país.

A Colômbia aparece na segunda posição, com crescimento de 5,7% no período, enquanto o Chile surge na terceira colocação, com expansão de 4,9% em seu PIB no período. Outro sul-americano entre as dez economias que mais cresceram no terceiro trimestre é o Peru, um dos países do mundo onde a pandemia foi mais letal. Está na sexta colocação, com crescimento de 3,6%.

Sobre o fato de outros países latino-americanos terem crescido mais que o Brasil, Agostini pondera que ainda é preciso considerar que a pandemia não acabou e os efeitos negativos de medidas de contenção ainda estão refletidos nos números dessas economias.

— Este países sofreram mais, foram mal em crescimento no início do ano e, no segundo trimestre e, agora, começam a se recuperar. É preciso fazer essa ressalva.

Os Estados Unidos cresceram 2,1% no terceiro trimestre e ficaram com a décima posição no ranking. A maior economia da União Europeia, a Alemanha, ficou no 13º lugar, com crescimento de 1,8%.

‘Derrapagem’ no 3º tri reforça revisões de projeções

Analistas reduzem previsão de crescimento da economia neste ano e em 2022, que pode ter retração no PIB segundo relatórios

IVAN MARTÍNEZ-VARGAS, CAROLINA NALIN, STEPHANIE TONDO
economin@oglobo.com.br
s16a1602

A caracterização de uma recessão técnica no terceiro trimestre deu mais uma razão para as revisões que analistas de mercado vêm fazendo nas projeções para o desempenho da economia brasileira neste ano e em 2022.

O número do PIB do terceiro trimestre divulgado ontem pelo IBGE foi exatamente o previsto pelo Credit Suisse. O banco revisou para baixo em novembro suas estimativas para o crescimento da economia brasileira em 2022, e passou a estimar retração de 0,5%. Agora, manteve suas previsões de PIB de alta de 4,8%

para 2021 e de recessão para o ano que vem.

Em relatório sobre o resultado desta quinta, o banco afirmou que o número é “ligeiramente superior ao esperado” devido ao aumento do consumo das famílias no período, ao passo que os gastos públicos, segundo o banco, cresceram menos que o esperado.

“Apesar disso, os resultados de hoje representam mais um melhor passado do que um melhor futuro, na nossa avaliação. O cenário para o quarto trimestre de 2021 e para 2022 continua em deterioração”, diz o documento do banco suíço.

O Credit Suisse colocou viés de baixa na projeção de queda de 0,5% no PIB em 2022, em função do aumen-

to das expectativas de inflação para este ano e os seguintes, até 2024, descolando-se das metas do Banco Central. Agora, o banco suíço espera que a Selic, a taxa básica de juros no Brasil, chegue a 12,25% em maio de 2022, ante previsão anterior 11,5%. O juro alto dificulta os investimentos, essenciais para o crescimento econômico.

O Bank of America informou que havia revisado as projeções do PIB de 5,2% para 4,2% em 2021, e de 2,1% para 1,1% em 2022. No entanto, a instituição ressaltou que “o enfraquecimento persistente da economia oferece um risco de revisões para baixo nas projeções futuras”.

O Modalmais manteve

uma perspectiva negativa para o último trimestre do ano e projetou que a economia deve crescer 4,6% em 2021, ante 4,8% na previsão anterior. “Para 2022, mantemos projeção de 0,5%, contra carregue de -0,1% em caso de o PIB ficar estavel até o final do ano que vem”, informou o banco em relatório.

“Com a derrapagem no 3º trimestre, o PIB do Brasil pode apresentar crescimento mais próximo a 4,5% em 2021, abaixo dos 5% de alta previstos em nosso cenário atualmente”, informou Rachel de Sá, chefe de economia da Rico Investimentos, em relatório.

A Tendências Consultoria prevê alta de 0,6% para o quarto trimestre deste ano,

puxada pelo setor de serviços e pela agropecuária, devido a base de comparação deprimida do segundo trimestre. A consultoria prevê alta de 4,7% no PIB de 2021 e manteve previsão de +0,5% para o PIB de 2022.

AGRO DEVE AJUDAR EM 2022

Apesar de o PIB do terceiro trimestre ter sido menor que a estimativa do Santander, de +0,1%, o banco considera a variação relativamente pequena e vai manter suas atuais projeções para a economia neste ano e para 2022: alta de 4,7% e de 0,7%, respectivamente.

Para Lucas Maynard, economista do Santander, a agropecuária, que no terceiro trimestre deste ano so-

freu com geadas que atrapalharam safras relevantes, como a do café e do milho, deve ter boa performance no ano que vem.

— A agropecuária sofreu também com embargos da China a carnes brasileiras e, no geral, isso eclipsou bons resultados em setores como construção civil e serviços, que tiveram uma retomada mais robusta. No caso dos serviços, essa retomada deve continuar porque há subsetores com ociosidade. Esperamos uma alta de 0,2% do PIB no último trimestre — disse.

O agro, segundo Maynard, será um dos principais fatores de crescimento do país no ano que vem, na visão do Santander.

— A gente espera também que no ano que vem, com o arrefecimento esperado da inflação, haverá um aumento da massa salarial amplificada, que leva em conta também o efeito de programas de transferência de renda.

Bolsa brasileira encerra na maior alta desde maio de 2020

Investidores mostram otimismo com aprovação da PEC dos Precatórios

VITOR DA COSTA*
vitor.santos@oglobo.com.br
s16a1602

O Ibovespa, principal índice da Bolsa brasileira, encerrou ontem na maior alta percentual desde maio de 2020: 3,66%, aos 104.466. Foi o melhor desempenho desde 25 de maio do ano passado, quando o índice avançou 4,25%.

Esse resultado se deveu ao otimismo com a aprovação da proposta de emenda à Constituição (PEC) dos Precatórios no Senado, que superou a de-

cepção com o resultado do PIB, que fez o país entrar em recessão técnica. Houve também a influência positiva de negociações e várias mudanças no texto, a proposta é vista como um mal menor. Havia o

UM MAL MENOR

O movimento no dia não significava que o mercado goste da PEC. Mas após semanas de negociações e várias mudanças no texto, a proposta é vista como um mal menor. Havia o

receio de que, caso não fosse aprovada, o governo pudesse apostar em medidas ainda mais prejudiciais as contas públicas para conseguir financiamento ao Auxílio Brasil.

— Não é o texto ideal, mas é o possível. O mercado está doído para tirar esse problema do monitor e olhar para problemas à frente — ressaltou o sócio da Inove Investimentos, Rafael Antunes.

Entre as ações, as ordinárias (ON, com direito a voto) da Petrobras subiram 8,63%, e as preferenciais (PN, sem



Janet Yellen. A variante Ômicron “pode causar problemas significativos”

voto), 7,31%. Contribuíram para isso a alta dos preços do petróleo — o barril do Brent subiu 1,16%, a US\$ 69,67 — e relatórios de bancos que destacam a capacidade da estatal de pagar dividendos nos próximos anos.

E por falar em dividendos,

eles também foram responsáveis pelo avanço de 9,51% nos papéis PN da Braskem, que lideraram as altas do Ibovespa. O Conselho de Administração da empresa aprovou a distribuição de R\$ 6 bilhões em dividendos antecipados.

As ações ON da Vale avançaram 4,64%, e as da CSN, 9,17%. Já as PN da Usiminas subiram 7,45%.

PANDEMIA AINDA PREOCUPA

Apesar do otimismo de ontem, o mercado mantém no radar a evolução da variante Ômicron da Covid-19. A secretária do Tesouro dos EUA, Janet Yellen, afirmou ontem que a Ômicron pode desacelerar o crescimento econômico global ao exacerbar os problemas da cadeia de suprimentos e diminuir a demanda global.

— Esperamos que não seja algo que retarde o crescimento econômico significativamente — afirmou, em uma conferência da agência Reuters. — Há muita incerteza, mas pode causar problemas significativos. Ainda estamos avaliando isso. (*Com agências internacionais)